



Centro Universitário Vale do Salgado

CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ROSIMEIRE ALVES BEZERRA

**REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS NA VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA
PELA EXPERIÊNCIA DE PERDA POR SUICÍDIO À LUZ DA TEORIA DO SELF
GESTÁLTICA**

Icó – CE

2021

ROSIMEIRE ALVES BEZERRA

**REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS NA VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA
PELA EXPERIÊNCIA DE PERDA POR SUICÍDIO À LUZ DA TEORIA DO SELF
GESTÁLTICA**

Pesquisa apresentada à Coordenação do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho Monográfico II.

Orientador: Prof. Esp. Erick Linhares de Holanda

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B574b Bezerra, Rosimeire Alves

Repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio à luz da teoria do self gestáltica. / Rosimeire Alves Bezerra - Icó, 2021.

51f.:il.

Orientador: Prof. Esp. Erick Linhares de Holanda
Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Psicologia)
Centro Universitário Vale do Salgado, 2021.

1. Psicologia - self gestáltica. 2. Suicídio - vulnerabilidade.
I. Holanda, Erick Linhares de, Orient. II. Título.

CDD 179.7

Bibliotecária: Francisca Lunara da Cunha Alcantara – CRB-3/1420

ROSIMEIRE ALVES BEZERRA

**REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS NA VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA
PELA EXPERIÊNCIA DE PERDA POR SUICÍDIO À LUZ DA TEORIA DO SELF
GESTÁLTICA**

Pesquisa apresentada à Coordenação do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho Monográfico II. Aprovada em 28 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Esp. Erick Linhares de Holanda
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientador

Profa. Msc. Elcides Hellen Ferreira Landim Barreto
Centro Universitário Vale do Salgado
Avaliadora

Prof. Esp. Antonio Martins Vieira e Silva Junior
Centro Universitário Vale do Salgado
Avaliador

Dedico esse trabalho a meu pai José Alves (in memoriam), que posso senti-lo em minha vida mesmo tendo ficado tão pouco tempo ao seu lado.

E a todas as pessoas que em algum momento da vida sentiram o mundo descolorir e uma dor inominável arrancara de si a esperança de viver.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Deus da vida, ao mundo e a todas as pessoas, que de alguma forma, fizeram parte da rede de apoio, que acompanharam meu processo e me deram segurança de arriscar essa caminhada.

À minha querida mãe Eliza de Souza, que muitas vezes não compreendeu o meu voou, mas que me amou muito e esteve sempre comigo, mesmo quando parecia não estar.

Às minhas irmãs e meu irmão que mesmo com todas as dificuldades estiveram sempre dando o melhor que puderam; gratidão pelo amor, afetos e respeito aos nossos diferentes caminhos. Amo vocês!

A minha querida irmã Maria do Carmo que nunca se limitou em me ajudar e me apoiar e que sempre respeitou minhas decisões mesmo sem concordar com algumas delas.

À Lívia Kelly, minha querida sobrinha e afilhada, que partilhou comigo sua delicadeza, leveza e sensibilidade e a forma simples de sentir e perceber o mundo, sempre linda ao chegar e se importar sobre como estou, minha admiração sempre!.

Aos meus grandes amores, queridos filhos, João Victor e Gabriel que sempre caminhamos juntinhos e que mesmo sem compreender as minhas ausências, me deram forças, carinho e respiração para seguir. João Victor por sua sensibilidade e simplicidade em perceber e sentir o mundo e Gabriel que sempre foi minha melhor companhia e ficou acordadinho comigo até tarde e nas madrugadas, quando cansava, colocava a cabecinha no meu colo e adormecia.

A Cláudia Batista pela prontidão, carinho, amizade e disponibilidade em compartilhar comigo o cuidado dos meus filhos em minha ausência.

Ao meu companheiro Reginaldo, por seu abraço afetuoso, que respeitou meu cansaço e mesmo com várias inseguranças e medos esteve comigo, assumindo diversas responsabilidades e tarefas, não esquecendo também os conflitos existentes frente as minhas constantes ausências, que em muito contribuiu para percebermos o quanto nos amamos e que mesmo estando juntos, temos diferentes caminhos.

Ao professor e orientador Erick Linhares que com leveza e suavidade me mostrou a Gestalt-terapia, gratidão por aceitar me ajudar na construção desse trabalho.

A alguns professores e professoras da Graduação de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS, que de diferentes maneiras me acolheram no cuidado e me mostraram com atenção e zelo os diferentes caminhos, conhecimento e ética no fazer da psicologia e que pude sentir o olhar para além de uma aluna, mas como pessoa. Muito

carinho, respeito e gratidão à Hérico Marciel, Elcides Hellen, José Alves, Sandra Duarte, Lielton Maia e Erick Linhares.

À minha parceira e amiga, Narcelyanne Moraes, que encheu minha caminhada de esperança e que juntas partilhamos as dificuldades, alegrias e angústias. Grata pela força!

Aos colegas de turma, pela caminhada a qual percorremos juntos e que muitas foram as aprendizagens, diferentes foram as vivências, afetos e trocas e que mesmo com tantas diferenças, sempre nos respeitamos. Gratidão especial a Beatriz, Vinícius, Symone, Jéssica, Gaby e Narce.

Ao querido amigo Robério Gomes que iniciamos juntos a graduação, porém resolveu seguir outros caminhos, a ti todo o meu carinho, respeito, gratidão e admiração por sua simplicidade, sensibilidade e inteligência.

A Ilana Bezerra, psicóloga, que acolheu minhas dores, alegrias, meus sentimentos confusos e minhas fugas para não olhar minhas profundas questões. Gratidão por cuidar de mim.

Aos funcionários e funcionárias da UniVS, em especial aos porteiros e auxiliares de serviços gerais, que cuidam com carinho de todo o espaço para nos dar conforto e segurança, muita gratidão pelas conversas, sorriso, pelo cafezinho que tomamos juntas e trocas de afetos.

Aos meus colegas de trabalho da Secretaria de Saúde de Iguatu e em especial à Coordenação da Atenção Primária, na pessoa da Fideralina Albuquerque, minha parceira e amiga de trabalho a qual tenho muita gratidão por todo carinho, confiança, cuidado e gentileza, além de ser uma grande profissional de saúde.

Aos enfermeiros e enfermeiras da Atenção Primária de Saúde, companheiros de trabalho, todo meu carinho por cada uma de vocês, que tem sido muito presença, respeitaram meu cansaço e estiveram sempre disponíveis em me ajudar. Também quero parabenizá-los pela coragem e esforço na luta pela vida de todas as pessoas, nesse momento tão difícil de pandemia que estamos atravessando.

“Eu sou um pássaro, me trancam na gaiola, mas um dia eu consigo resistir e vou voar pelo caminho mais bonito”.

(Renato Russo, Clarisse)

BEZERRA, Rosimeire Alves. **Repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio à luz da teoria do self gestáltica**. 51f. Monografia (Graduação em Psicologia). Centro Universitário Vale do Salgado. Icó – Ceará. 2021.

RESUMO

Falar em suicídio é relatar sobre uma forma de morrer a qual a pessoa decide tirar a própria vida e esse ato é causador de grandes impactos sociais, tanto numéricos, como em relação aos familiares, amigos ou pessoas próximas. O suicídio pode ser entendido como uma experiência de desespero, que está revestido de muita violência e sofrimento, afetando tanto a pessoa envolvida no ato quanto seus familiares e amigos mais próximos, estes que sofrem, além da perda do ente, o julgamento ético e moral da sociedade. O estudo busca analisar as possíveis repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio à luz da teoria do self gestáltica. Para tanto, a pesquisa procura discutir sobre o conceito de suicídio e vulnerabilidade antropológica, a fim de mostrar a partir de Gestalt-Terapia as emoções vivenciadas por pessoas que passaram pela experiência de perda por suicídio, não obstante, identificar o sentimento manifestado que possa aparecer em pessoas sobreviventes a alguém que tirou a própria vida. A presente pesquisa diz respeito a uma estrutura de natureza qualitativa de caráter exploratória, realizada por meio de revisão integrativa da literatura. Pois o método de revisão integrativa possibilita a síntese e análise do conhecimento científico já construído em pesquisas anteriores frente à temática em estudo, além de permitir a obtenção de informações que possibilitem aos leitores perceberem a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração de novos conhecimentos (LOUISE BOTELHO; CUNHA; MACÊDO, 2011). Com este estudo foi possível identificar, que mediante a experiência suicida, não se fala de um fenômeno isolado, mas relacional. Pois a ação da pessoa que se mata atravessa o ato em si e vai bem mais além do que pode ser visto, pois outras vivências se juntam e se misturam em uma experiência atual. Nesse sentido, frente à experiência da morte de alguém por suicídio, vivências se tocam, e dessa forma, não se sabe quem toca e quem é tocado, pois se constitui em uma só experiência a qual todas nós participamos. As discussões chama atenção para o quesito: se o fenômeno do suicídio é complexo e unívoco, se os afetos e sentimentos vivenciados pelas pessoas também se mostram de forma confusa e desorganizada, o que leva a experiência suicida ser tratada de forma pontual, simplista, com intervenções normativas, como se fosse algo passível de ser combatido? Porque se continua criando ações voltadas para pessoas específicas e não lançando o olhar para uma experiência de campo, considerando seres relacionais que somos? Situações essas que podem ser cruel demais para pessoas que estão atravessando vivências de perdas de alguém que abreviou seus dias. O estudo se mostra relevante, uma vez que seu foco é a experiência das pessoas afetadas pelo fenômeno do suicídio, a qual todas participam. É para a vivência e suas diferentes formas de sentimentos e afetos que o trabalho direciona o olhar.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Perda. Suicídio.

BEZERRA, Rosimeire Alves. **Psychological repercussions on the anthropological vulnerability of the experience of loss by suicide in the light of the gestalt self theory**. 51f. Monograph (Graduate in Psychology). Vale do Salgado University Center. Icó – Ceará. 2021.

ABSTRACT

Talking about suicide is reporting about a way of dying in which the person decides take their own life and this act causes great social impacts, both numerically and in relation to family members, friends or close people. Suicide can be understood as an experience of despair, which is coated with a lot of violence and suffering, affecting both the person involved in the act and their family and closest friends, who suffer, in addition to the loss of the loved one, the ethical and moral judgment of society. The study seeks to analyze the possible psychological repercussions on the anthropological vulnerability of the experience of loss by suicide in the light of the gestalt self theory. Therefore, the research seeks to discuss the concept of suicide and anthropological vulnerability, in order to show from Gestalt-Therapy the emotions experienced by people who have gone through the experience of loss by suicide, notwithstanding, to identify the manifested feeling that may appear in people surviving someone who took his own life. This research concerns a qualitative structure of an exploratory nature, carried out through an integrative literature review. Because the integrative review method enables the synthesis and analysis of scientific knowledge already built in previous research on the subject under study, in addition to allowing the obtaining of information that enables readers to perceive the relevance of the procedures used in the development of new knowledge (LOUISE BOTELHO; CUNHA; MACÊDO, 2011). With this study, it was possible to identify that, through the suicidal experience, one does not speak of an isolated phenomenon, but a relational one. Because the action of the person who kills himself crosses the act itself and goes far beyond what can be seen, as other experiences come together and mix in a current experience. In this sense, faced with the experience of someone's death by suicide, experiences touch each other, and thus, it is not known who touches and who is touched, as it constitutes a single experience in which we all participate. The discussions draw attention to the question: whether the phenomenon of suicide is complex and unambiguous, whether the affections and feelings experienced by people are also shown in a confused and disorganized way, which leads to the suicidal experience being treated in a timely, simplistic way, with normative interventions, as if it were something that could be combated? Why are we continuing to create actions aimed at specific people and not looking at a field experience, considering the relational beings that we are? Situations that can be too cruel for people who are going through the loss of someone who has shortened their days. The study is relevant, since its focus is the experience of people affected by the phenomenon of suicide, in which all participate. It is for the experience and its different forms of feelings and affections that the work directs the gaze.

Keywords: Vulnerability. Loss. Suicide.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas da revisão integrativa da literatura.....	28
Figura 2 - Cartaz exposto na Campanha de Setembro Amarelo de 2018 pela Clínica Quinta do Sol de Curitiba.....	37
Figura 3 - Cartaz de divulgação do III Simpósio de Prevenção ao Suicídio realizado em 2018 pela Residência Multiprofissional Integrada em Saúde (RIS) e Residência Psiquiátrica em Iguatu.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição de publicações utilizadas na Revisão Integrativa.....	30
--	----

LISTA DE SIGLAS

APS – Atenção Primária de Saúde

CVV – Centro de Valorização da Vida

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial da Saúde

PHG - Perls, Hefferline e Goodman

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UniVS - Centro Universitário Vale do Salgado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETIVOS.....	17
2.1 GERAL.....	17
2.2 ESPECÍFICOS.....	17
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1 TEORIA DO SELF GESTALTICA	18
3.2 VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA.....	21
3.3 PERDA POR SUICÍDIO E A VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA.....	23
3.3.1 Suicídio.....	23
3.3.2 Perda na vulnerabilidade antropológica.....	25
4 METODOLOGIA.....	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
5.1 JULGAMENTOS SOCIAIS – O OLHAR DO OUTRO.....	33
5.2 ENTRE O CALAR E O FALAR.....	36
5.3 SENTIMENTOS AMBÍGUOS.....	40
5.4 EXPERIÊNCIAS INACABADAS E A BUSCA POR RESPOSTAS.....	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Falar em suicídio é relatar sobre uma forma de morrer a qual a pessoa decide tirar a própria vida e esse ato é causador de grandes impactos sociais, tanto numéricos, como em relação aos familiares, amigos ou pessoas próximas. O suicídio pode ser entendido como um ato de desespero, que está revestido de muita violência e sofrimento, afetando tanto a pessoa envolvida no ato quanto seus familiares e amigos mais próximos, estes que sofreram, além da perda do ente, o julgamento ético e moral da sociedade (ANGERAMI, 2017).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o número de casos de suicídio supera o quantitativo de 800 mil mortes por ano, equivalendo a uma pessoa a cada 40 segundos. A cada 3 segundos uma pessoa tenta o suicídio. A autoagressão está entre as três maiores causas de mortes das pessoas entre 15 e 35 anos de idade e para cada caso completado há sérios impactos em pelo menos outras seis pessoas próximas à vítima e que são imensuráveis. No Brasil ocorrem cerca de 10 mil mortes por suicídio por ano, com valores estáveis ao longo dos últimos anos. A taxa bruta de suicídio foi de 5,5/100 mil em 2015 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Penso ser interessante apresentar o ponto de partida o qual se constitui o interesse pela pesquisa. Aos 12 anos vivenciei a experiência em perder meu pai por suicídio e então, são os mais diversos e confusos afetos e sentimentos vivenciados. Percebo que até hoje sinto um inquietante movimento em busca por algo que me falta, e que, não me sinto confortável para falar sobre a temática, pois percebo ser pouco compreendida pelos outros, ou quem sabe, seja por mim mesma, ou, porque não dizer, da experiência.

Percebe-se pouco estudo no que diz respeito a uma compreensão da manifestação dos sentimentos e emoções das pessoas que passaram pela experiência da perda de morte autoprovocada. Uma vez que no âmbito científico, há mais trabalhos referentes ao ato suicida, de forma a não despertar um olhar cuidadoso para com a valorização das sensações que são desenvolvidas por essas pessoas que passaram por um intenso sofrimento e que possivelmente repercute por toda experiência. Situação essa que me leva a desejar debruçar-me sobre a temática e a tentar compreender voltas desse caminho.

Considerando que o suicídio abrange toda a sociedade e que, se quer se sabe o que de fato está sendo morto. A vivência de alguém em perder uma pessoa que se suicidou é algo pouco discutido e compreendido. O que mostra como o fenômeno é tratado com pouca importância. Nesse sentido, importa perguntar, que emoções e sentimentos são manifestados na experiência por pessoas que perderam alguém por suicídio? Para atingir o problema de

pesquisa, este estudo tem por objetivo analisar as possíveis repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio.

A presente pesquisa diz respeito a uma estrutura de natureza qualitativa de caráter exploratória, realizada por meio de revisão integrativa da literatura. Pois o método de revisão integrativa possibilita a síntese e análise do conhecimento científico já construído em pesquisas anteriores frente à temática em estudo, além de permitir a obtenção de informações que possibilitem aos leitores perceberem a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração de novos conhecimentos (LOUISE BOTELHO; CUNHA; MACÊDO, 2011).

Dessa forma, o foco é discutir sobre o conceito de suicídio e vulnerabilidade antropológica, a fim de compreender a partir de Gestalt terapia as emoções vivenciadas por pessoas que passaram pela experiência de perda por suicídio, não obstante, identificar o sentimento manifestado que possa aparecer em pessoas sobreviventes a alguém que tirou a própria vida.

No apresentar de algumas discussões teóricas, é feito um passeio pela teoria do self gestáltica, onde traz a compreensão do ser humano em sua correlação com o outro, com o não eu, por meio da experiência que se dá na relação. Em seguida é refletido sobre a experiência que coloca o indivíduo em condição de sofrimento e diferentes limitações, afetando de maneira significativa a identidade e conseqüentemente sua representação social, entendida como vulnerabilidade antropológica. Na continuidade, é transitado sobre a temática de suicídio e o sentimento de perda manifestado na experiência por pessoas que perdeu alguém que abreviou sua existência, onde, é posto que, o suicídio afeta a experiência das pessoas de diferentes formas e que essa condição pode gerar em quem vivencia uma série de sentimentos e afetos confusos.

Frente à teoria proposta ocorreram movimentos provocativos a serem discutidos. Dentre eles, o olhar do outro sobre a experiência, fala-se de um julgamento social, que possivelmente possa ocasionar efeito de silenciamento ao sofrimento das pessoas, a calar sua voz, para não ouvir acusações. No tópico seguinte, a discussão se volta para o que estar entre o calar e o falar na experiência das pessoas, uma vez que, o que foi vivenciado pelas sobreviventes como algo que devesse ser calado, silenciado e não discutido, agora se escuta muito de que falar é a melhor solução.

Nesse caminho, sobre os sentimentos ambíguos é mostrado frente às pesquisas, que o suicídio por se apresentar de forma impactante, violenta e inesperada atravessa a experiência das pessoas próximas provocando diversos e confusos sentimentos. No último tópico, mas não menos importante, fala-se sobre as experiências inacabadas e a constante busca por

respostas, onde visa entender a intensidade e amplitude desse ato gerando sofrimentos e efeitos de diversas naturezas, os quais podem se prolongar por uma vida toda.

Sobre os resultados conseguidos, chama atenção para o quesito: se o fenômeno do suicídio é complexo e unívoco, se os afetos e sentimentos vivenciados pelas pessoas também se mostram de forma confusa e desorganizada, o que leva a experiência suicida ser tratada de forma pontual, simplista, com intervenções normativas, como se fosse algo passível de ser combatido? Porque se continua criando ações voltadas para pessoas específicas e não lançando o olhar para uma experiência de campo? O estudo se mostra relevante, uma vez que seu foco é a experiência das pessoas afetadas pelo fenômeno do suicídio, a qual todas participam. É para a vivência e suas diferentes formas de sentimentos e afetos que o trabalho direciona o olhar.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar as possíveis repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio à luz da teoria do self gestáltica.

2.2 ESPECÍFICOS:

- Discutir sobre o conceito de suicídio e vulnerabilidade antropológica;
- Compreender a partir da Gestalt terapia as emoções que são vivenciadas por pessoas que passaram pela experiência de perda por suicídio;
- Identificar o sentimento manifestado que possa aparecer em pessoas sobreviventes a alguém que tirou a própria vida.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 TEORIA DO SELF GESTALTICA

O ser humano e o meio estão em constantes e diferentes trocas, em uma relação contínua de crescimento e transformação. Belmino (2020) descreve o self como agente de contato, como campo ¹ experiencial, fundado na correlação básica que antecede a diferenciação entre eu e o mundo. Apesar de didaticamente se possa separar indivíduo² do meio, eles não são divididos na experiência, pois um faz parte do outro.

Pensar o ser humano é entender que ele não é um mero instrumento passivo da natureza. O organismo precisa ser compreendido em sua atividade e com sua habilidade de ação e relação com o mundo de forma criativa e adaptativa (BELMINO, 2020). É que essa capacidade do ser humano só pode ser pensada em sua correlação com o outro, com o não eu, por meio da experiência que se dá na relação.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) pontuam o self como um sistema complexo de contatos presentes e necessários e o agente em constante crescimento no campo imbricado, que se dá na fronteira de contatos entre o organismo e o ambiente, considerando que a fronteira não é algo isolado ou pertencente a uma das partes, mas sim como uma experiência de limite entre o “eu” e o “não eu” e que pertence a ambos, ao organismo e ao ambiente. É na fronteira que acontece a experiência, então, toda experiência humana emerge dessa relação. É estar com o outro sem distanciar-se de si mesmo e que a partir dessa relação, as transformações ocorrem.

O contato é a experiência em ação, então é aqui que se dá o processo de ajustamento criador³ frente às demandas que surgem nessa relação do organismo e ambiente, que acontece por meio da interação. Dessa forma, no ato de contatar outra pessoa, há o reconhecimento do não eu, desse outro que é diferente, novo, que causa estranheza e que quando se entra em contato com esse outro por meio da fronteira, algo é assimilado e ambos crescem (MORAES

¹ O que chamamos de campo organismo/ambiente não é a descrição física e espacial, mas o fluxo de vividos que contém aquilo que materialmente está na situação, mas também todo o fundo imaterial que coexiste na experiência (BELMINO, 2020, p. 108).

² Considerando que a grafia brasileira segue um padrão de escrita, utilizando o masculino para se referir a diferentes públicos, remetendo a um contexto machista e patriarcal. Então, tentarei aqui no trabalho, por meio da mesclagem, contribuir por um texto mais inclusivo. Assim, por exemplo, ora será escrito o sobrevivente, ora a sobrevivente e assim se segue (modo utilizado também por Belmino no livro Gestalt-Terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica, 2020).

³ Goodman pontua que, “todo contato é ajustamento criador do organismo e ambiente” (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p.45).

& D'ACRI, 2014). Nesse sentido, o contato é a experiência vivida pelo humano com o mundo que acontece no aqui e agora, onde algo novo transita pelo presente com um potencial criador.

Nessa compreensão, o self não deve ser entendido como uma instituição fixa, um existir mediante uma permanência concreta, mas como um conjunto de forças que forma a Gestalt⁴ no campo em contínuo movimento de orientação para alguma coisa. O self é um conjunto de funções e dinâmicas em que o organismo e meio interagem a todo o momento através de constantes trocas, que se “conservam” enquanto dimensão histórica genérica, “cresce” enquanto pessoa e se transforma enquanto meio junto a novos horizontes de futuros que se abrem (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2007). Nessa compreensão, o self é uma forma engajada e espontânea, que acontece na experiência em que o indivíduo, sempre envolvido em uma situação, se experimenta de maneira única e de diferentes formas.

Assim sendo, espontaneidade e engajamento são, de acordo com PHG (1997)⁵, características expressivas do self. Os autores retratam espontaneidade como a fluidez de estar atuando em um dado momento presente no organismo/ambiente, sendo não somente aquele que cria ou que está sendo criado, ou seja, nem ativo, nem passivo, mas crescendo juntos, no ato, em um processo de contínua transformação. Já o engajamento na situação quer dizer que as sensações produzidas na experiência não são próprias da pessoa nem somente externas a ela, mas vivenciadas na experiência por meio da relação estabelecida, o qual os sentimentos surgem de imediato, e que essas sensações são mobilizadas e sentidas no presente de uma forma integrada. É no campo por meio da relação organismo e ambiente que, espontaneamente, o indivíduo se experimenta como self, o que não quer dizer que a pessoa se experimente sempre da mesma forma.

Nesse sentido, o self é compreendido como um sistema de contatos e que esses contatos são melhores percebidos em um campo experiencial, acontecendo na vida da pessoa, em sua relação com tudo em sua volta. Para Müller-Granzotto & Rosane Müller-Granzotto (2012), o self é o sistema de contatos que acontece a cada experiência vivenciada no campo organismo e meio e que, em cada experiência o indivíduo experimenta a si mesmo como isso que se lança para um horizonte de futuro, de desejos.

⁴ No livro Gestalt-Terapia escrito por Perls, Hefferline e Goodmam (1951/1997) que registra o nascimento uma nova abordagem e que Goodman apresenta a teoria do self gestáltica, pontua que em situações de contato, o self é a força que forma a Gestalt no campo, que se dá por meio de um processo dinâmico de figura/fundo em situações de contato. Esse processo formativo acontece, ou seja, a relação fundo e a figura é o excitamento que varia de acordo com as necessidade orgânicas dominantes e os estímulos do ambiente.

⁵ A partir de agora será utilizado a sigla “PHG” para se fazer referência a Perls, Hefferline e Goodman.

É por meio da relação que o ser humano com o mundo se formam, criam e recriam juntos, de maneira que são cooriginários em uma só experiência; são recíprocos, uma vez que o crescimento de ambos se faz possível por meio de contínuas trocas que acontece na experiência; e que são diferentes no sentido de que não são iguais, pois cada qual se constituem mediante interação e vivência com o não eu (FRANCESETTI, 2018).

Há três pontos de vistas diferentes que acontecem em cada experiência vivida, onde o sistema de contatos está acontecendo e que essas funções são chamadas por PHG (1997), de função id, função ego e a função personalidade e que são entendidas da seguinte forma: A função id é um fundo determinado que se dilui em suas possibilidades, manifestada por todas as sensações orgânicas e por situações que não foram concluídas frente a experiências vivida, ou seja, essa situação inacabada que passa a ser parte do corpo, são inseparáveis do meio em que ocorrem e que se torna presente, reeditado como forma de orientação, que se manifesta frente a um ambiente percebido e esses sentimentos conectam o indivíduo e o meio.

Ainda para os autores, a função ego surge como uma função central do self e se institui na experiência de contato, que nada mais é que o movimento, o agir, a ação do indivíduo com o mundo e é nessa ação que o sujeito se diferencia do meio onde está diluído por meio das identificações ou alienações a partir de um fundo de experiências anteriores. Pois compreendendo o ego como uma função do organismo por meio de seus atos, fica claro que é aqui no ego que acontece a passagem e o enlace entre o mundo afetivo impessoal e a tentativa de nos definirmos em um contexto social, cultural e institucional de nossas experiências.

A terceira função do self é a personalidade, que pode ser entendida como a construção social que o self produz, como toda forma de tentar explicar o comportamento se fosse pedido para ser explicado. A função personalidade é o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais, que acontecem por meio dos processos intersubjetivos, das produções culturais, estabelecidas por meio de atos linguajeiros, sociais, reveladas por meio da moralidade, instituições e conhecimento. Diz respeito a nossa capacidade de representar nossas vivências de contato, de reconhecer nessas representações, nossa identidade objetiva, são os papéis sociais, da qual, então passamos a fruir (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2007).

Nesse sentido, o self está diretamente ligado ao contato e pode ser compreendido como sendo temporal, que compõem um processo de ajustamento criador que acontecem em um campo experiencial estabelecendo relações passadas, presentes e futuras em uma experiência, onde o passado emerge como fundo para que no agora possibilite um futuro de

criação, ou seja, uma orientação para novas possibilidades (BELMINO, 2014). Dessa forma, é no ato que há uma retomada de experiências anteriores que ficaram retidas e torna-se fundamento para a configuração de uma nova experiência por meio da relação indivíduo com o mundo e que essa experiência está inserida um contexto cultural.

Assim sendo, é na dimensão da função personalidade que se desenvolvem a vida, os valores éticos, a historicidade e identificações compartilhadas reconhecidas socialmente. Em meio a esse contexto, outras questões referentes às diferentes formas de vivência na sociedade precisam ser compreendidas a fim de entender o sofrimento presente nestas experiências quando por meio de amarras a pessoa é impedida de ser quem deseja ser. Essa vulnerabilidade na função personalidade, na compreensão de Müller-Granzotto & Rosane Müller-Granzotto (2012) é chamada de vulnerabilidade antropológica.

3.2 VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA

Falar em vulnerabilidade é pensar em diferentes formas de sofrimento humano, onde a pessoa ou grupo está em condição ou estado de fragilidade e marginalidade. Etimologicamente conceituando, vulnerável refere-se à ferida, dano físico, emocional ou social, que simbolicamente expede ao significado de magoar, ofender, ferir sentimentos ou moral. Sevalho (2018) pontua a vulnerabilidade como o reconhecimento de pessoas ou grupo que tem sua capacidade de defender-se e de agir enfraquecida, por diversas razões, sejam elas biológicas e/ou sociais e que remete a uma condição de fragilidade.

Talita Morais & Monteiro (2017), falam de vulnerabilidade como uma condição humana e que está ligada à sua existência em sua finitude e fragilidade, de tal maneira que não pode ser eliminada da vida. Dessa forma, ao reconhecer-se como vulneráveis, é possível compreender a vulnerabilidade do outro, assim como a necessidade do cuidado, da responsabilidade e da solidariedade, e não a exploração dessa condição.

Assim sendo, percebe-se a vulnerabilidade como um fator que coloca o indivíduo em condição de sofrimento e diferentes limitações, afetando de maneira significativa a identidade e conseqüentemente sua representação social mais fragilizada. Assim compreendida, a função personalidade é uma espécie de espelho social que se experimenta em meio ao outro social o qual se é integrado, aos valores que se assume e aos recursos linguísticos aos quais se apropriam como “réplica verbal” de vivências de campo (PHG, 1997).

A ruptura da espontaneidade social caracteriza-se como uma vulnerabilidade da função personalidade e pode fazer emergir no indivíduo um sentimento de sofrimento. A

vulnerabilidade da função personalidade gera um tipo de ajustamento criador que nada mais são que discretos pedidos de socorro, aos quais são denominados de ajustamento de inclusão⁶ (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Para os autores, o sofrimento não é a representação perdida mediante um conflito ou uma situação de exclusão. O sofrimento é entendido como um saldo da perda, do conflito e da exclusão, a ausência de uma imagem social a qual o indivíduo se sente incluso, funcional e respeitado. Como exemplo pode-se citar as situações de luto, onde a perda e o desespero podem se configurar como sofrimento. Ele diz respeito não somente à ausência das representações, mas à impotência de alcance de um futuro ou sobre quais representações poderiam substituir ou recuperar aquelas perdidas.

Em uma relação de campo, a função personalidade pode fracassar por diversos motivos. Müller-Granzotto & Rosane Müller-Granzotto (2012), pontuam pelo menos três grandes motivos em que os ajustamentos de inclusão podem emergir na relação: por motivos antropológicos, quando uma pessoa se depara com um contexto que envolve uma catástrofe, um acidente de ordem “natural” onde suas representações são ceifadas e suas biografias apagadas, pessoas que sofreram algum tipo de agressão, abuso, que perderam um ente querido (luto) ou por algum motivo foram excluída do mercado de trabalho ou submetida a condições desumanas de sobrevivência.

Essa vulnerabilidade também pode ser acometida por motivos políticos, onde uma ostensiva dominação que visa alienação de um desejo dominante se coloca sobre os submissos, submetendo-os a um regime de despersonalização a favor de um ideal de projeto político dominador que envolve a produtividade de riqueza com base na lógica de consumo. Nesses casos, envolvem a escravidão, o trabalho assalariado privado de direitos civis e submetido à ilegalidade de condições e privação da liberdade (ibidem).

Sobre os motivos éticos, considerados pelos autores como os mais severos. Quando há a destruição das representações sociais, referindo-se à exclusão social dos corpos de atos que se encontram completamente desprovidos da possibilidade de conquistar representações sociais ou mesmo desfrutá-las. Neste sentido, a exclusão se encontra em sua forma mais cruel quando experiências desumanas são vividas em condições que podem ser nomeadas de

⁶ Os ajustamentos de inclusão possuem as mais variadas formas e podem ser denominados como apelos gestuais, não investidos de sentido ou meta, pelos quais as pessoas que sofrem delegam ao meio, especialmente aos cuidadores que deles se ocupam, a condição de um corpo auxiliar, solidário, o qual deposita confiança (MÜLLER-GRANZOTTO & MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

estados de exceção (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

3.3 PERDA POR SUICÍDIO E A VULNERABILIDADE ANTROPOLÓGICA

3.3.1 Suicídio

A morte autoprovocada é um fenômeno que sempre esteve presente na existência humana e esse ato envolve diferentes discussões, pois além da morte da pessoa que pôs fim sua vida, essa prática afeta também os familiares e amigos.

O suicídio é um fenômeno que acontece em todo o mundo. Conforme as estimativas, anualmente, mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio e, a cada pessoa que se suicida, pelo menos outras 20 atentam contra a própria vida. Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio representa 1,4% de todas as mortes em todo o mundo. Em 2012, tornou-se a 15^a causa de mortalidade na população geral; entre os jovens de 15 a 29 anos, é a segunda principal causa de morte (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

A palavra suicídio é oriunda do latim, o termo significa a “ação de retirar a própria vida”, sendo constituída por dois termos, *sui*, que corresponde a si mesmo e *caedere*, quer dizer a ação de golpear, matar, ou seja, a expressão *suicaedere* quer dizer matar-se (BRASIL, 2020). Ainda para os autores esse ato se torna um fator preocupante, pois a ação afeta também pessoas próximas ao suicida, que passaram pela exposição/vivência ao suicídio de terceiros. Pois estima-se que filhos(as) que experienciaram o suicídio de um de seus genitores podem apresentar três vezes mais risco de desenvolver comportamento suicida.

Durkheim (2000), define o suicídio como todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, realizado pela própria pessoa e que ela está consciente da produção desse resultado. Assim sendo, a morte autoprovocada consiste na produção de uma ação deliberativa realizada pela pessoa contra si mesma, cuja finalidade é a morte, tendo o sujeito consciência e intenção sobre o ato. Sobre a tentativa, o autor define como um ato que também acontece de forma consciente, porém interrompido antes que se resulte na morte da pessoa.

Dessa forma, o fenômeno do suicídio se apresenta em diferentes culturas e contextos socioeconômicos. Porém, a compreensão sobre o assunto se tem buscado no âmbito

científico. No entanto, ainda há resistência para se promover discussões e compreensão sobre a temática no âmbito social por conta dos diversos tabus⁷ (SANTOS, 2017).

Por não se apresentar de forma unívoca e ser diferente de outras mortes, mas muito frequente, a experiência suicida desafia o campo da ciência. Diante da multiplicidade de fatores socioculturais, políticos, éticos, afetivos, biológicos para o ato de por fim a vida, a forma reducionista e disciplinar de estudar o “fenômeno” do suicídio atrelado ao campo da doença mental jamais poderia ser considerada uma alternativa legítima (BOCCARDI, 2020).

Em meio as constantes reflexões, quando se associa a experiência suicida a um fator único, como, por exemplo, a “transtornos psíquicos” serve de justificativa para formas interventivas sobre a experiência. Remete ao fato curioso, sobre o quanto essa situação atravessa e acompanha a temática do suicídio. Considerando que tal olhar, autoriza determinada profissão ou profissional se colocarem na posição de intervenientes, que, se já é aceito como verdade absoluta, não cabe questionamento, caberia apenas à ação (HOLANDA, 2019). Frente a tal situação, é vista a retirada de autonomia das pessoas frente à experiência, a inibição do espaço de fala, pois prevalece uma única verdade sobre a experiência e que esta está voltada para a pessoa.

Ainda que exista a tentação de atribuir à autoria do ato suicida como única da pessoa, fica evidente que há mais coisas entre o inferno e a terra do que imagina nossa psiquiatria (BOCCARDI, 2020). Nesse sentido, há de se considerar o papel central das relações interpessoais, a escandalosa desigualdades sociais, as relações familiares como elementos indispensáveis para a compreensão de uma morte autoprovocada, considerando que a experiência suicida afeta as pessoas de diferentes formas.

São diversas as formas de existir, e que, ao pensar a existência, é discutir sobre essas multiplicidades. Para Holanda (2019), enquanto que, a ciência se debruça em reconhecer, organizar, estabelecer relações causais, objetivas em relação à experiência, servindo assim, de base para ações comuns no campo da saúde, como prevenção e promoção, como exemplo, acaba gerando um grande dilema sobre um distanciamento crescente da vida em relação ao saber. Dessa forma, o suicídio carrega um mistério do próprio existir e que quando se tenta gerar um olhar normativo, gerando uma generalidade, promovendo um olhar limitado sobre a experiência, cessa de ver o existir.

⁷ Assunto que deve ser evitado em maiores aprofundamentos teórico ou de forma acalorada. “proibição que leva alguém a não fazer alguma coisa por medo de castigo divino ou sobrenatural” (Dicionário online disponível em: <https://www.dicio.com.br>).

Para Boccardi (2020), as questões sociopolíticas, sobretudo o olhar para as diferentes raças e a produção de morte, apresentam como o suicídio está atrelado às formas de dominações dos corpos, afetando de diferentes formas pessoas de todas as origens. Para melhor compreensão, pode-se citar como exemplo dessa representação violenta e gritante da política de extermínio, os caso dos suicídios na população indígena⁸ no Brasil.

A morte voluntária, ou seja, o ato suicida é tido como um fenômeno complexo, polifórmico, multicausal, sensível e misterioso, assim pontua Holanda (2019), que essa é a compreensão que se tem ao deparar-se com tal fenômeno. Assim como a loucura, o suicídio revela-se como fato misterioso da existência humana, pois vida e morte são duas polaridades que se busca isolar, e que se quer, uma existe sem a outra. Só se fala do morrer pelo viver e só se experiencia o viver pela expectativa da morte. Assim sendo, para o autor, a finitude é a vivência dessa ambiguidade que constitui a experiência humana, do ser e do não ser, do morrer e do viver e que são duas certezas que acompanham a experiência cotidianamente.

Assim sendo, a morte por suicídio, por ser uma morte violenta e carregada de estigmas e preconceitos, pode causar nos familiares, tidos como sobreviventes, uma intensidade de sentimentos como: culpa, vergonha, desamparo, perda de referência, dentre outras, demandando assim do enlutado muita energia psíquica para elaboração do luto (KARINA FUKUMITSU & KOVÁCS, 2016). Nessa compreensão, a morte autoinfligida não pode ser entendida somente como matar a si mesmo, pois o referido ato humano causa também sofrimento nas pessoas que ficaram, as quais têm suas histórias marcadas por perdas e que passam a vivenciar diversas experiências conflituosas.

3.3.2 Perda na vulnerabilidade antropológica

A compreensão da experiência de uma pessoa que perde alguém que tirou sua própria vida é um assunto relevante e que requer cada vez mais sensibilidade e destaque. A experiência de perda situa a pessoa em um estado de vulnerabilidade e remete o indivíduo à sua condição de humanidade, uma vez que a morte, a doença e sofrimento são inerentes ao ser humano e o coloca frente a sua finitude (SEVALHO, 2018).

⁸ Os povos originários, nos países que sofreram a colonização europeia, apresentam taxas de suicídio mais altas do que na população em geral. De acordo com o Boletim Epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde no Brasil, a taxa de mortalidade por suicídio entre indígenas (15,2/100 mil) é quase três vezes maior do que a encontrada entre não indígenas (5,7/100 mil) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Disponível em: <https://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017>.

Sobre a perda de uma pessoa querida, Holanda (2019) pontua que essa condição pode gerar no indivíduo uma série de ambiguidades, podendo estar associada à culpa, impotência, a sentimentos de responsabilidade, até mesmo ao silêncio e ao enfrentamento. Quando essa perda está ligada a um fenômeno que é reconhecido como morte voluntária, torna-se complicado demais e é preciso ser entendida em sua complexidade, como sendo algo pertencente à existência humana e não como tragédia passível de ser evitada ou controlada.

Nessa compreensão, mediante à vivência do luto, acontece a ruptura social das experiências de contato em que foram perdidos dados de realidade, tornando-se inacessíveis à pessoa. A qual é denominada por PHG (1997) por “misery”, ou seja, aflição, que é o estado de falência social de uma experiência de contato, onde o sistema self tem uma vulnerabilidade na espontaneidade, na fluidez, na ação e na personalidade, ou seja, a forma com a qual o indivíduo se percebe enquanto identidade e ser de relação encontram-se fragilizada.

Junto ao outro social, o sujeito sente-se amparado, inteiro, reconhecido e, ao mesmo tempo, incumbido de responsabilidade. O amor-próprio, o reconhecimento de valor para si mesmo e para alguém são sempre vivências da função personalidade, são sempre tipos de prazer/desprazer que se alcança em decorrência da participação na vida desse Grande Outro Social no qual se espelha (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2010).

Nesse sentido, é possível pensar sobre os possíveis sentimentos e sofrimentos em indivíduos, implicados no fato de não encontrarem um lugar ético e político para que assim possam estabelecer suas relações de humanidade possíveis. Nesse contexto, o sofrimento é descrito por Müller-Granzotto e Rosane Müller-Granzotto (2012) como sendo antropológico, pois a função personalidade, de produzir relações no campo social à qual a pessoa se identifique foi interrompida em consequência da falência de um dado social perdido. Ou seja, essas pessoas podem se encontrar desprovidas de condições humanas que possam lhe permitir práticas mais autônomas.

Uma vez que esses dados não estão sendo encontrados pelo indivíduo, por decorrência de um interrompimento, a pessoa cria uma forma de ajustamento que pode ser chamada de um “pedido de socorro”. Dessa forma, ao mesmo tempo em que aliena seu poder de deliberação em favor do meio, do outro social, oferece ao meio a condição objetiva de alteridade. Por outras palavras: o pedido de socorro faz do meio um “ego auxiliar,⁹”

⁹ Um ego auxiliar, ou seja, o Grande Outro Social deixa de ser um demandante e se torna um “semelhante”. Funda-se, assim, a experiência de ajuda desinteressada e um tipo especial de identificação personalista que é a solidariedade (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2010).

(MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2010; BERNARDO & BELMINO, 2015).

Considerando a morte de uma pessoa querida e que essa perda ocorre de forma complexa e escancarada que é o ato suicida, a pessoa que vivencia esse luto poderá ser atravessada por sentimentos ambíguos e aflitivos. Nesse tipo de sofrimento, o indivíduo, de forma genuína, reconhece no outro social como um ser capaz de ajudá-lo solidariamente, de forma a favorecer a sua inclusão. Não como forma de responsabilizar o outro pelo seu sofrimento, mas como quem é convocado a apoiá-lo (MÜLLER-GRANZOTTO & ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2010). Nessa compreensão, é no lugar de humano que se pode acolher, reconhecer o lugar, a humanidade da outra pessoa, se colocando junto com ela e compreendendo que esse outro é diferente e que jamais será acessado.

4. METODOLOGIA

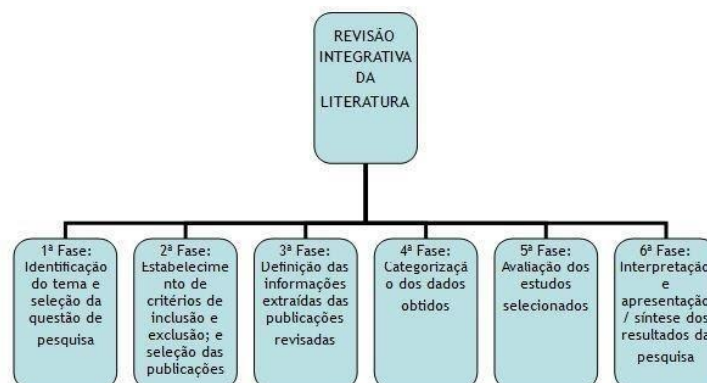
A presente pesquisa diz respeito a uma estrutura de natureza qualitativa de caráter exploratória, realizada por meio de revisão integrativa da literatura. A referida pesquisa de revisão integrativa se caracteriza por uma pesquisa ampla, pois permite a inclusão de deferentes e atuais estudos para uma compreensão abrangente do fenômeno analisado, uma vez que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto (MARCELA SOUSA; MICHELY SILVA; RACHEL CARVALHO, 2010).

A pesquisa qualitativa é aquela na qual a pesquisadora se debruça sobre os informes que não podem ser quantificados, ou seja, trabalha com um universo de significados vivenciais e um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis e a interpretação que os sujeitos fazem de acordo com as vivências e interações ocorridas no meio social (SUELY DESLANDES; GOMES; MARIA MINAYO, 2009).

Sobre o caráter exploratório, é pontuado por Gil (2008) como modelo que tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Possuem menor rigidez no planejamento e tem como objetivo proporcionar visão ampliada, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas a ponto de serem trabalhadas.

Para construção da revisão integrativa foram seguidas seis etapas conforme propostas pelas autoras supracitadas. Sendo demonstradas na figura abaixo.

Figura 01 – Etapas da revisão integrativa da literatura.



Fonte: Verônica Nóbrega et al (2014).

O método de revisão integrativa foi escolhido por possibilitar a síntese e análise do conhecimento científico já construído em pesquisas anteriores frente à temática em estudo, além de permitir a obtenção de informações que possibilitem aos leitores perceberem a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração de novos conhecimentos a partir de estudos já publicados (LOUISE BOTELHO; CUNHA; MACÊDO, 2011).

A pergunta elaborada como questão disparadora deste estudo foi: Que emoções e sentimentos são manifestados na experiência por pessoas que perderam alguém por suicídio? A busca por estudos foi realizada por meio de base de dados eletrônica através de plataformas on-line de pesquisa Google Acadêmico e Scielo (Scientific Electronic Library Online), por meio dos descritores suicídio, perda e vulnerabilidade. Também foram utilizadas outras obras como livros e teses referentes à temática em questão, proporcionando assim maior diversidade na construção do conhecimento.

Para revisão definiu-se como critérios de inclusão estudos publicados em português, os artigos selecionados estão compreendido entre os anos de 2018 a 2020, com permissão de acesso gratuito a todo o texto. Foram utilizadas pesquisas que ofereçam resultados que se aproximam da questão disparadora, como livros, tese de doutorado e dissertação de mestrado. Não foram inclusos artigos repetidos, com publicações anteriores a 2018 e que não possuem acesso gratuito ao texto completo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da busca encontrou-se várias pesquisas sobre a temática e na continuidade foi realizada leitura do título seguida do resumo como forma de verificar se atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos neste trabalho. Após leitura, foram selecionados trabalhos que tratam sobre experiência suicida e discussões sobre a teoria do Self Gestáltica a fim de debruçar-se sobre a temática. Segue quadro com título das pesquisas, autoria, ano, objetivo e metodologia.

Quadro 1 – Descrição de publicações utilizadas na Revisão Integrativa.

Título	Autoria/ano	Objetivo	Metodologia
Gestalt-Terapia	Perls, Hefferline e Goodman (1997)	No primeiro volume - Apresentar os fundamentos teóricos da Gestalt-terapia e no segundo volume – por meio de experimentos descritos e comentados com eventuais elaborações teórica – os complexos conceitos desta abordagem	Livro
Clínicas Gestálticas: Sentido ético, político e antropológico da teoria do self	Müller-Granzotto; Rosane Müller-Granzotto (2012)	Ampliação da clínica gestáltica tradicional (restrita a neurose), visando às novas configurações éticas, políticas e antropológicas dos sujeitos modernos – o que inclui os comportamentos psicóticos, aflitivos, banais e antissociais	Livro
O processo de luto da(o) filha(o) da pessoa que cometeu suicídio	Karina Fukumitsu (2013)	Compreensão do processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio	Pesquisa qualitativa (tese)
O suicídio: Estudos de sociologia	Durkheim (2013)	Apresentar o suicídio como um fenômeno cujas origens encontram-se fundamentadas na própria sociedade. Sem abandonar a influência exercida pelo fator psicológico, o autor propõe uma ruptura com relação ao entendimento de ser este o princípio primordialmente desencadeador e gerador de influência na produção do ato, e demonstra ser possível estudá-lo e compreendê-lo de maneira mais ampla a partir da compreensão da sociedade.	Livro
Viver não é preciso: discursos sobre o suicídio no século XXI	Boccardi (2018)	Uma estratégica de reflexão voltada para a atualidade, sugerindo novos modelos e práticas, possibilidades e alternativas	Estudo de base documental (dissertação de mestrado)
Vivenciando o suicídio	Kassiane Dutra et al	Compreender a vivência da família	Abordagem

na família: do luto à busca pela superação	(2018)	ao perder um familiar por suicídio	qualitativa com referencial da Teoria Fundamentada nos Dados construtivista (artigo)
Sobreviventes enlutados por suicídio	Karina Fukumitsu (2019)	Aperfeiçoar a escuta, o acolhimento e os cuidados daqueles cujo sofrimento é intolerável	Livro
Quando existir pesa mais que deixar de existir (Suicídio e suas interfaces: o arduo emaranhado da autodestruição)	Holanda (2019) (org. Angerami)	Alcançar uma maior compreensão dos mistérios envolvendo a condição humana, e principalmente os meados do suicídio.	Capítulo de livro
Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil	Monique Ruckert; Rafaela Frizzo; Rigoli (2019)	Avaliar os materiais existentes sobre posvenção de suicídio a fim de compreender de que forma podemos intervir e utilizar estratégias de posvenção para familiares e profissionais enlutados pelo suicídio.	Revisão narrativa (artigo)
Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial	Ana Feijoo (2019)	Compreender o fenômeno em seu caráter de unicidade e originalidade	Proposta em Psicologia Existencial com bases fenomenológicas e hermenêuticas (artigo)
Gestalt Terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica	Belmino (2020)	Apresentar o fundamento e a prática da Gestal-terapia, tendo como pano de fundo a teoria do self e sua perspectiva de campo.	Livro
Luto materno no suicídio: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades	Adriana Serra; Joanneliese Freitas (2020)	Compreender desde uma perspectiva fenomenológica, aspectos desta vivência singular, a partir de uma pré-reflexão com base na literatura científica e análise de um caso	Empírica qualitativa de caráter exploratório, a partir de uma análise de uma narrativa pelo método de Giorgi (artigo)
Grupo de apoio pra sobreviventes do suicídio	Giovana Kreuz; Raquel Antoniassi (2020)	Apresentar o manejo por iniciativa voluntária de profissionais da psicologia, de um grupo de apoio para sobreviventes/enlutados pelo suicídio na cidade de Maringá-PR	Caráter descritivo (artigo)

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Conforme exposto, foram selecionados 13 trabalhos referentes à temática proposta que após leitura minuciosa foram utilizados na análise. Dentre os trabalhos estão: 5 artigos dentre os anos de 2018 a 2020, 5 livros, 1 capítulo de livro, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado que serão discutidos nas seguintes linhas.

A morte autoinfligida não apresenta causa única, sendo resultado de um conjunto de muitos fatores e de intencionalidades experienciadas de diferentes formas pelos indivíduos. Para Durkheim (2013), uns se matam na abundância, e outros na pobreza; um era infeliz na relação conjugal, e outro acaba de desfazer um casamento infeliz. Os fatos são os mais diversos e polares. Até mesmo os mais contraditórios da vida podem igualmente servir de pretexto para o suicídio. Sendo assim, até onde se conhece, é possível dizer que consistem em contrariedades, infortúnios, e que não é admissível determinar a intensidade que a dor deve atingir para levar a essa consequência final.

No Brasil, a morte por suicídio vem aumentando, e conseqüentemente o quantitativo de pessoas afetadas pelas mortes aumenta significativamente. O suicídio é uma ação de por fim a própria vida e que pessoas de todas as idades e classes sociais cometem suicídio. A cada 40 segundos uma pessoa se mata no mundo e para cada ato consumado, as estimativas mostram em torno de pelo menos 20 tentativas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Monique Ruckert; Rafaela Frizzo; Rigoli (2019) apresentam estratégias por meio de plano de ações e pesquisas onde mostram a eficácia no fornecimento de suporte de prevenção¹⁰ e posvenção¹¹ a pessoas sobreviventes por suicídio. Conforme estudos, as sobreviventes apresentam melhoria mensurável na saúde e no bem estar quando comparados com outros sobreviventes não submetidos ao programa de ação, além de ter um impacto econômico de redução de custos para a sociedade, diminuição nos serviços de saúde e aumento de produtividade, dentre outros fatores. Porém, de acordo com as autoras, os casos de suicídios continuam aumentando de forma significativa e conseqüentemente aumenta o número de pessoas afetadas pela experiência. As estratégias e ações criadas são destinadas a evitar a morte autoprovocada que, possivelmente, esteja ligada a formas de controle do mercado de trabalho, onde se faz necessário a manutenção da vida. É visível que, mesmo com planos de ações e campanhas regulares, a experiência suicida continua em ascensão e conseqüentemente o número de sobreviventes.

O suicídio afeta profundamente e de diferentes formas a vida das sobreviventes, sendo o maior impacto sentido por pessoas que tenham um vínculo próximo à pessoa que se suicidou como familiares, pessoas amadas, amigos mais próximos (KARINA FUKUMITSU,

¹⁰ Prevenção – estratégias voltadas para prevenir o ato suicida, avaliação do risco, relação com transtornos mentais, protocolos voltados para manejos de intervenção para pessoas com ideação suicida (MONIQUE RUCKERT; RAFAELA FRIZZO; RIGOLI, 2019).

¹¹ Posvenção – visa auxiliar no processo de luto das pessoas sobreviventes, busca desencorajar o planejamento de suicídio das pessoas que atravessam a experiência. Também é considerada uma estratégia de prevenção (ibidem).

2019). E que esses conflitos possivelmente reverberem por toda a vida, uma vez que a experiência é atravessada por inúmeros sentimentos confusos a quem vivencia.

Considerando que não existe nada só do indivíduo e nada só do outro, ou seja, do ambiente, mas que a experiência se dá por meio da relação intersubjetiva. É entendido por Belmino (2020) que, não se deve pensar em descrever pessoas, delinear objetos, mas sim, a experiência de contato que se dá na fronteira entre ambos, ou seja, é relacional. Pode-se pensar que o ato da pessoa que se suicidou, a forma a qual a pessoa se experimentou pode ser vista como única, porém, a experiência suicida deva ser compreendida como uma experiência de campo. Dessa forma, a fala muito ouvida “fulano se suicidou”, “qual foi o motivo de fulano ter se suicidado” pode ser compreendida como uma experiência a qual também participo, ou seja, quando acontece uma experiência suicida, não se sabe de fato o que se morre, quem mata quem, o que está interrompido na experiência.

5.1 JULGAMENTOS SOCIAIS – O OLHAR DO OUTRO

Em família que uma das partes morre, seus membros enfrentam grande abalo funcional e relacional, que pode ser ainda mais devastador quando essa morte se trata de suicídio, sendo que não é por acaso que essas pessoas são chamadas de sobreviventes¹².

O luto em uma perspectiva fenomenológica é compreendido como uma vivência decorrente de uma mudança abrupta na relação eu-tu, uma vez que a corporeidade deste tu é eliminado, sendo experienciada como uma perda de sentido do mundo-da-vida (ADRIANA SERRA & JOANNELIESE FREITAS, 2020). Essa experiência pode significar para quem vivencia que, diante da perda do outro, perde-se também formas específicas de ser e estar no mundo, assim como um mundo partilhado.

Experiência é a relação com o diferente, sempre com a novidade e que se movimenta para abertura a algo desconhecido. E que a novidade pode se manifestar de diferentes formas como algo físico, algo que sinto em mim, uma lembrança, outra pessoa, e até mesmo os afetos despertados mediante o efeito do outro em mim e que não se sabe o limite, de onde se parte, se de mim ou do outro (BELMINO, 2020).

Nessa compreensão, o contato¹³ é entendido como uma relação imediata e viva. É possível que estejamos conscientes, que aconteça de modo deliberado, porém é bem mais que

¹² Para Karina Fukumitsu (2019) p. 21 o termo sobreviventes se aplica a “alguém que vive a experiência de um alto nível de autopercepção psicológica, física e/ou desamparo social por um tempo considerável após o suicídio de uma pessoa”.

isso. Como acrescenta Belmino (2020) ao dizer que o contato é uma passagem, sempre constante daquilo que era para aquilo que será, ou seja, é uma experiência, que envolve o que é possível ver e o que não se ver.

Ana Feijoo (2019) adiciona que a morte autoprovocada é uma experiência que guarda muita complexidade e mistério, que tal ato necessita ser compreendido no âmbito da experiência atravessada pela pessoa que decide deixar de viver. Dessa forma, posicionar-se junto àquele que se encontra envolvido com a experiência suicida, sem julgamentos moralizantes e corretivos, possibilita por meio da relação, criar formas de olhar para o fenômeno a partir dos sentimentos vivenciados.

Assim sendo, essas pessoas aprendem a silenciar seu sofrimento, a calar sua voz, para não ouvir mais acusações, julgamentos, falas indesejadas. E mesmo quando a situação não possa ser modificada, por exemplo, quando uma pessoa querida morre, acredita-se nos ajustamentos criadores para que o indivíduo enlutado possa restaurar seu equilíbrio, se ao menos for permitido que o façam (PHG, 1997, P. 85).

O suicídio, por ser uma temática que mobiliza vários sentimentos confusos e contraditórios, o silenciamento, distanciamento e fugas, se tornam evidentes em pessoas que vivenciaram a perda de uma pessoa próxima. Além disso, a busca por explicações sobre o fenômeno pode provocar paralisia, uma vez que, conforme Karina Fukumitsu (2013), acredita-se ser possível saber sobre o suicídio, porém, sabe-se muito pouco sobre a pessoa que se suicidou.

O ato da pessoa se torna público, porém as motivações que o conduziram a experiência do suicídio não são claros. Durkheim (2013) pontua que, por mais que pareçam como manifestações individuais, independentes, são na verdade produtos de causas, forças entre os indivíduos e situações sociais, ou seja, é de ordem coletiva.

Nesse sentido, as perdas representam uma incógnita, por não se saber as motivações que levaram a pessoa à morte, pois quem fica não sabe, não consegue se posicionar sobre a causa, sobre o que de fato morreu. Como declara Benites (2019) por trás da experiência suicida há mistérios que até agora não foram revelados. A separação do ser humano e sua vida possivelmente mobilizem sentimentos confusos e de impotência nos sobreviventes, uma vez que não fica claro o que de fato ocasionou o desejo de morrer e a morte da pessoa.

São muitos os motivos que em uma relação de campo a função personalidade pode fracassar. Müller-Granzotto & Rosane Müller-Granzotto (2012) pontuam que o indivíduo

¹³ Goodman afirma que self é o sistema de contatos em qualquer momento e que o contato como processo contínuo de emergência de uma solução vindoura (PHG, 1997, p. 49).

pode perder as representações, o lugar social a qual usufruía de uma identidade reconhecida publicamente. Dessa forma, pode-se ocorrer à interrupção da comunicação por meio da linguagem, a forma com a qual a pessoa se identificava e se relacionava com o mundo se torna ausente mediante a perda de um dado, de uma referência que não está mais disponível. Os motivos antropológicos que podem determinar a falência de uma representação social dizem respeito aos processos de degeneração e aos acidentes implícitos às práxis e aos objetos que fazem parte de nossa construção histórica, desenvolvimento e representação social (ibidem).

Belmino (2020) acrescenta que por mais que possamos falar de uma diminuição¹⁴ da função personalidade, ela é fundamental para construção dos laços sociais, e que não se pode viver completamente sem esses papéis, até mesmo porque, a história vai muito além daquilo que se é capaz de representar. Desde as construções sociais constituídas, até as histórias familiares que se apresentam enquanto repetições que não percebemos em nossa vida, que, enquanto função intersubjetiva, a função personalidade é muito maior do que aquilo que deliberadamente significamos sobre a nossa experiência.

Considerando que os fatores sociais são essenciais para os indivíduos, uma vez que por meio deles se criam representações sociais com as quais a pessoa se identifica enquanto ser pertencente, é possível discutir sobre a existência de um conflito entre o eu e o não eu. Para PHG (1997) um comportamento pode ser entendido como anti-social quando essa ação possa destruir os costumes, instituições ou personalidades vigentes decorrentes de uma época e de um lugar.

Para os autores inibimos ou expulsamos da experiência aquilo que não combina com uma imagem aceitável de nós mesmos, e essa imagem com a qual nos identificamos diz respeito a uma identificação criada a partir de uma autoridade com a qual convivemos e uma imitação delas. Nessa compreensão, quando acontece uma repressão, uma ameaça e a intensidade destrutiva sobre a ação do indivíduo frente a uma experiência não aceitável socialmente, acontece uma agressão à experiência e essa agressão pode ser atribuída ao desejo da pessoa de expressar seus afetos.

Assim, um dos pontos que possivelmente poderia gerar limite na experiência humana é justamente aquilo que a razão se esbarra, a saber, nossa dimensão afetiva. Entretanto, o afeto

¹⁴ A diminuição da função personalidade pode ser entendida como as formas violentas que essas identidades são arrancadas da experiência, como por exemplos: emergências, desastres, pandemia, adoecimento somático e o luto (MÜLLER-GRANZOTTO E ROSANE MÜLLER-GRANZOTTO, 2012; BELMINO, 2020).

é justamente aquilo que nos conecta com o corpo, com o desconhecido de nós mesmos, com o incontrolável, com o desorganizado (BELMINO, 2020).

Quando estamos diante do fenômeno da morte voluntária nos deparamos com uma ação complexa, polimórfica, sensível, inapreensível e misteriosa. A finitude é a experiência dessa ambiguidade, do ser e do não-ser, do morrer e do viver, pois são duas certezas que nos acompanham cotidianamente, uma vez que coexistem em uma só experiência (HOLANDA, 2019). Nesse sentido, por apresentar diferentes formas e ser complexo demais, demanda um conjunto de olhares e aproximações diversas; porém, ainda assim, continua sendo objeto de ações e intervenções normativas e limitadas. O que orienta as constantes inquietações se isto seria suficiente como uma ação compensativa frente a vivências ambíguas de pessoas afetadas pela morte voluntária, e que, dentre essas experiências podemos citar, sobre o que transita entre o calar e o falar das sobreviventes.

5.2 ENTRE O CALAR E O FALAR

A morte autoprovocada é algo de que se fala atualmente. O fato de ser encarada como tabu não significa que se tenha contida toda e qualquer menção sobre o suicídio, seja na mídia, nas artes nos registros médicos, policial, jurídico, enfim, no cotidiano das pessoas. Com efeito, é necessário se falar sobre a experiência suicida, mas não se pode falar de qualquer forma, considerando que há um movimento de verdade em cada época e lugar em que fala, pois, mais do que abordar o “silenciamento” a respeito do tema, importa analisar o suicídio posto em discurso (BOCCARDI, 2018).

Em uma experiência, logo os limites do que se pode e não pode, do que se deve não deve passar a serem postos por regras e critérios externos e não mais acontecem de forma fluida por meio da relação. O esquecimento do ser humano no que diz respeito àquilo que faz sentido para sua existência constitui-se no motivo pelo qual proliferam os protocolos de orientações. Dessa forma, quando se coloca ao outro como proceder mediante sua experiência, mais essa pessoa esquece-se da possibilidade criadora de saber o que afinal se deseja e pode fazer (ANA FEIJOO, 2019).

Para Boccardi (2018), a proibição da experiência suicida, que diz respeito a uma normatividade sanitária, está assentada sobre um campo discursivo que dá amparo a ações governamentais e não governamentais com o intuito de reduzir sua incidência nas populações. Nessa compreensão, esse conhecimento é aplicado às pessoas pelas teorias científicas por

meio de normas e condutas sobre o que elas devem fazer e seguir mediante situações difíceis da vida.

Para Ana Feijoo (2019) modernamente a ação da pessoa de desejar por fim a vida se mostra como patologia ou desequilíbrio psíquico, forma essa, que movimenta uma política de ações para prevenção do ato. Assim sendo, se a pessoa possuir um diagnóstico de alguma doença específica, logo é dito o que deve e não deve ser feito, como se proceder para evitar tal ato. Ação essa que se torna expressiva em campanhas do Setembro Amarelo¹⁵ no Brasil, conforme apresentado na amostra do cartaz abaixo:

Figura 02 - Cartaz exposto na Campanha de Setembro Amarelo de 2018 pela Clínica Quinta do Sol de Curitiba.



Fonte: <https://clinicaquintadosol.com.br/2018/09/04/setembro-amarelo-falar-e-melhor-opcao/> acesso em 17 de maio de 2021.

A orientação de que “falar é a melhor solução”¹⁶ aparece no material e igualmente em outros que são expostos nas diversas campanhas de orientação sobre a temática, como também, se percebe o suicídio como um fenômeno que pode ser combatido. Ana Feijoo

¹⁵ O Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio, tendo como objetivo orientar a população a respeito do suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenção. Foi criado pelo Centro de Valorização da Vida – CVV, pelo Conselho Federal de Medicina e pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Ocorre desde 2014, por meio de identificação de locais públicos e particulares com a cor amarela e ampla divulgação de informações. Disponível no site oficial da campanha (www.setembroamarelo.org).

¹⁶ É uma expressão muito utilizada na cartilha do Centro de Valorização da Vida - CVV, principal organização de voluntárias para atendimento, 24 horas por dia, para pessoas com ideação suicida que querem e precisam conversar, sob total sigilo. Na página oficial da instituição, são notórios textos curtos de variados autores/voluntários que apresentam frases semelhantes, como “A importância da fala”, “Vamos falar sobre depressão”, “Por que falar é a melhor solução?” A cartilha e os textos podem ser acessados em www.cvv.org.br.

(2019) mostra que a interpretação destrói a criatividade, pois ao se perguntar pela natureza de alguma coisa, limita a natureza, uma vez que a partir do que é esclarecido, é atribuído uma identidade.

O que se pretende criar com essas expressões? Que, se a pessoa falar, vai ter uma resposta, algo que possa combater? Falar para quem e o que se deve falar? Para Boccardi (2018), quando se falam sobre mortes e perdas por suicídio, o silêncio é menor do que suspeitam e que para as pessoas que vivenciam a experiência o que mais as incomodam é a forma como são postas os fatos, a desqualificação da experiência suicida, o dirigir-se a pessoa como alguém que cometeu um crime, e que a partir de então, é vista como fraca.

Nesse sentido, especulações são criadas a acerca do acontecido, do ato da pessoa que pôs fim a vida. Comentários que podem ser bem violentos dificultam o processo de luto e de perda dos sofredores. Há certas falas agressivas e que pode ser considerado um abuso, violação dos afetos vivenciados pelas sobreviventes. “Somente sabem falar os que sabem fazer silêncio e ouvir” (KARINA FUKUMITSU, 2019, P. 30). Assim sendo, essas pessoas aprendem a silenciar seu sofrimento, a calar sua voz, para não ouvir mais acusações, julgamentos, falas indesejadas.

Para Boccardi (2018), a mudança dos domínios da moral, do pecado e do crime para o domínio da doença permitiu oferecer atenção, cuidado, destinar ações, recursos e organização da linguagem como formas de defender a vida. Ainda para o autor, quando se atribui categorias para o fenômeno, como algo da ordem do “interno” e do “patológico” redescrevem novas formas para o suicídio. O que antes era tratado com leis jurídicas e /ou canônicas, agora passa a ser visto como uma doença ou resultado dela, autorizando a medicina o direito de proteger, tratar, controlar e julgar suicidas.

Sobre a experiência suicida, Ana Feijoo (2019) percebe como um fenômeno misterioso e que a ciência procura explicar e prevenir para resolver, ou seja, acabar com o mal, esquecendo-se do caráter de mistério que toda a vida em suas configurações existenciais comporta. Nesse sentido, o fenômeno do suicídio sustenta uma inevitabilidade e que, quando se tenta dar contornos específicos, a experiência se retrai, e então, não se poderá ver a forma do acontecer do fenômeno.

É o que aparece na indicação de combate ao suicídio que mostra a figura abaixo, sendo bem visível em materiais da campanha referente ao setembro amarelo, que são destinados a orientar a população, o que parece sugerir algo que deva ser eliminado.

Figura 03: Cartaz de divulgação do III Simpósio de Prevenção ao Suicídio realizado em 2018 pela Residência Multiprofissional Integrada em Saúde (RIS) e Residência Psiquiátrica em Iguatu.



Fonte: <https://iguatu.ce.gov.br/prefeitura-ris-e-residencia-psiuiatrica-promovem-iii-simposio-de-prevencao-ao-suicidio-em-iguatu/> acesso em 17 de maio de 2021.

A informação chama a atenção para a forma simplista de olhar para a experiência, reducionista e distanciamento no que diz respeito ao sofrimento que a pessoa está atravessando. Experiência essa que poderá resultar em fim à vida e que mediante o ato de falar poderá surgir soluções para “combater” o caso.

Nesse sentido, fala-se de uma ética atual, onde defende que a vida vale a pena a qualquer preço. Onde a coragem é entendida a partir de uma lógica de manutenção da existência, independente de como esta se encontre e das condições em que se vive. Dessa forma, sobressai a ideia tecnocrata de que a vida deve ser vivida e que todas as pessoas devam ter suas ações voltadas de forma a prolongá-la (ANA FEIJOO, 2019). Enfim, a ação de pensar e até mesmo de colocar fim a vida, seja ela entendida de diferentes formas, consiste em maneiras que visam à manutenção dos corpos, corpos esses que são regidos por formas específicas de pensar, sentir e agir.

A ideia de conservação da vida parece ser o centro que acompanha a temática do ato suicida. Holanda (2019) pontua que esse conceito contribui para que, de uma lado, sejam criadas ações normativas e de controle, como temos na prevenção ou na intervenção, e por outro, questionamentos sobre essas ações. Partindo da premissa que o ato de suprimir a própria vida, seja um ato “humano” e sendo assim, não se deve ser pensado como algo separado da experiência. Não se deve dispensar o fato de que o ato diz respeito simplesmente de uma “falta” de sentido, considerando que a falta ou mesmo a carência também seja uma

ação mobilizadora; e que este ato não deve ser resumido na alienação da autonomia da pessoa do ato (ibidem). Dessa forma, é possível se pensar que, para entender a experiência suicida, se faz necessário aproximar-se do fenômeno para então reconhecê-lo como passível de compreensão por si próprio.

Assim sendo, possivelmente, o que foi experienciada pelas sobreviventes como algo que devesse ser calado, silenciado e não discutido, agora se escuta muito de que “Falar é a melhor solução”. Como aponta Ana Feijoo (2019) em relação à experiência suicida; vivenciar, olhar para a experiência de morte em uma sociedade estabelecida e normativa, remete a um sentimento perigoso e anarquista pelas pessoas que a vivenciam. Situações essas, que chama a atenção para as formas de expressões, sofrimento e sentimentos confusos atravessados pelas pessoas sobreviventes, sentimentos esses, que nem sempre se manifestam de forma “organizada” e aceitável socialmente.

5.3 SENTIMENTOS AMBÍGUOS

A experiência de perda por suicídio é mobilizadora de diferentes e intensos sentimentos em pessoas próximas a alguém que se suicidou. A forma que cada sobrevivente reage à experiência suicida pode estar relacionada com o vínculo criado junto à pessoa que se matou e à dificuldade em aceitar a perda, pode causar impactos significativos na vida da sobrevivente (MONIQUE RUCKERT; RAFAELA FRIZZO; RIGOLI, 2019). Considerando que, além da morte ser repentina, violenta e misteriosa, é carregada por estigmas sociais, podendo transitar na pessoa que experiencia, sentimentos e reações ambivalentes, caracterizando a vivência de luto complicada.

Belmino (2020) entende que, todas as experiências de vulnerabilidades geram sofrimento na pessoa que vivencia, porém, nessa situação, o sofrimento aparece como um efeito aflitivo da ausência de referência que essas perdas geram. Dessa forma, a pessoa fica “sem chão”, desesperada, e se sente completamente incapaz de fazer qualquer coisa. Por isso que, para o autor, esse tipo de sofrimento se configura como experiência de desespero, ou seja, é uma forma de sofrimento, o efeito na perda identitária e a forma de resposta vivenciada por essa pessoa frente a essa situação.

O suicídio pode ser considerado uma tragédia silenciosa e os fatores que podem influenciar a forma das pessoas reagirem ao luto, os sentimentos e afetos são os mais diversos e confusos. Visto que, muitas famílias apresentam dificuldade em expor a real forma da morte para parentes considerados mais frágeis, geralmente crianças ou adolescentes, e também para

a sociedade, que poderá culpá-la por ter sido incapaz de evitar o ato. Assim, como forma de evitar o desconforto, a experiência se torna um segredo, uma dor que não encontra espaço para ser compartilhada (MONIQUE RUCKERT; RAFAELA FRIZZO; RIGOLI, 2019; KARINA FUKUMITSU, 2019).

Devido ao estigma que envolve a morte por suicídio, alguns enlutados poderão encontrar dificuldade em lidar com a perda atravessada por julgamentos sociais, por se tratar de uma forma de morrer não aceitável socialmente. As sobreviventes muitas vezes se isolam, sentem vergonha e evitam falar sobre suas emoções e seus pensamentos em relação à morte, tornando-se vulneráveis às experiências suicidas (ibidem).

Diante da experiência de perda de uma pessoa querida, perde-se também, de forma dura e irreversível o “nós”, que diz respeito a uma forma de existir própria da relação e com todas as possibilidades envolvidas. Adriana Serra; Joanneliese Freitas (2020) entendem que, de tal forma, a superação do luto como resolução, conclusão ou retorno a um estado anterior é impossível, uma vez que, esse processo orienta para novas formas de ser e estar diante da nova experiência imposta pela perda. Dessa forma, o luto pode ser entendido como um processo inacabado, que transforma o ambiente relacional e é incorporado de forma mais intensa à história da pessoa que vivencia, podendo apresentar-se como um momento de desespero e abertura.

Para as pessoas, a principal consequência da falência das representações sociais às quais a pessoa estava identificada é a configuração de uma situação que PHG (1997) denominam de “aflição”. Muller Granzotto; Rosane Muller Granzotto (2012) nomeiam de “sofrimento” (ético, político e antropológico) e Belmino (2020) prefere chamar de desespero. O sofrimento aqui é diferente da dor. Apesar de poder estar relacionado a uma questão fisiológica também. Para as autoras, o desespero por sua vez é o efeito de uma representação, que agora se encontra indisponível, que perdemos, ou dela fomos arrancados em decorrência de um conflito, uma perda, ou seja, é o resto da violência vivenciada.

O sofrimento aqui sempre está relacionado à vivência de uma perda, conflito ou violação. Nas situações de luto, por exemplo, o sofrimento está relacionado à impotência, desamparo, vergonha, pela ameaça que paira sobre as representações as quais se sentiam representados (MULLER GRANZOTTO; ROSANE MULLER GRANZOTTO, 2012). No luto, que se segue ao desespero, é uma forma de configuração da aflição. Uma vez que diz respeito, não apenas à ausência da pessoa que morreu e das representações sociais, mas também à impossibilidade de alcançar uma compreensão sobre o futuro, sobre quais formas e representações podem substituir ou recuperar aquelas que foram retiradas.

Outra forma a qual a pessoa cria frente à experiência são os pedidos genuínos de ajuda frente à situação de intenso desespero. Esses pedidos são aberturas para que participem de suas vidas, são gestos de transcendência em movimento, cujo outro é convidado a exercer junto com ela e em seu favor, a humanidade que naquele momento não visam alcançar. Pedidos esses que são conhecidos como ajustamentos de inclusão e que podem surgir das mais diferentes formas como: gritos, choro, paralisias, embotamento, dentre outros (ibidem).

Por ser um ato carregado de estigmas social e violento, as pessoas enfrentam dificuldades em compreender a forma de morrer do ente querido. Situação essa, que direciona o processo de afastamento das pessoas ao redor e ao isolamento, com consequentes sentimentos ambivalentes. O sentimento de culpa é um dos afetos mais dilacerantes experienciados, que tortura a pessoa próxima com a ideia de que poderia ter feito algo para evitar o ato (KARINA FUKUMITSU, 2013).

A culpa pode ser entendida como a falsa ilusão de que se poderia ter feito algo para modificar a experiência traumática, que o ato não teria acontecido se tivesse agido de forma diferente. Para Karina Fukumitsu (2019) quando se pensa que poderia ter feito algo diferente do que se fez, originando assim, um sentimento de culpa; possivelmente, seja uma estratégia de manter a pessoa presente, em pensamento e sentimento, ou seja, é possível que esse sentimento, ao mesmo tempo em que atormenta, também ajuda a manter a pessoa que morreu presente.

Do ponto de vista existencial, Adriana Serra e Joanneliese Freitas (2020) pontuam que a culpa pode indicar um sentimento de débito consigo mesma, porém, na experiência de perda por suicídio, dependendo do vínculo com a pessoa que se matou, como por exemplo, um luto materno, o débito é posicionado diante do horizonte cultural sobre a maternidade, onde se entende que a mãe deveria proteger seus filhos da imprevisibilidade da vida e da morte.

Para Holanda (2019) o suicídio afeta, diretamente, um conjunto extenso de pessoas próximas como familiares e amigos e estes podem vivenciar sofrimentos significativo por muitos anos e até mesmo por toda a vida. Uma das maiores perdas referem-se exatamente às mães e pais de filhas que tiraram suas vidas. Situação essa que acomete um sentimento de agonia decorrente de uma inversão, uma quebra abrupta do curso normal da vida, induzindo a uma questão: o que aconteceu? Porque? (ibidem). “A morte, mesmo certa, não é esperada ou desejada para o jantar” (HOLANDA, 2019, p. 360). Quando ela acontece aos poucos, em decorrência de processo de velhice ou acometida de adoecimento, as pessoas se preparam aos poucos para acolhê-la. Diferente de um ato súbito, como um acidente, situação essa, que se

direciona a culpa ao outro, ou uma morte voluntária que se costuma atribuir a culpa ou a responsabilidade aos sobreviventes.

A ausência de um familiar em função da morte por suicídio favorece o desenvolvimento de tristezas psíquicas que podem persistir por toda a vida. Kassiane Preis et al (2018) em consonância com outros estudos, mostram que a morte autoprovocada implica na formação de profundos e dolorosos sentimentos entre os familiares ou amigos próximos transformando-se em uma fase que, inicialmente é marcada por tensões, contradições e na procura por respostas pelo ato, e que posteriormente, favorece a experimentação de uma aproximação e união familiar.

A forma como se lida com a experiência de morte é compreendida em meio ao contexto cultural e histórico no qual o ser humano está inserido e se transforma constantemente. Nos dias atuais, a morte se apresenta a partir de configurações extremamente variadas e que, embora faça parte do cotidiano da vida, ainda é tratada como um tabu e como algo a ser rapidamente superado para que possamos voltar às nossas atividades cotidianas sem atraso, embora seja absolutamente inevitável a experiência (ibidem).

Para Belmino (2020) assim como outros teóricos da Gestalt-Terapia¹⁷, entendem o quanto o sofrimento está relacionado ao apego às identidades criadas e aos papéis sociais construídos no decorrer da história. É como se, na função de suas identidades, a pessoa perdesse a capacidade de fluir espontaneamente, se adaptando às fixações e diferentes situações da vida. O apego aos papéis sociais enche a pessoa de fantasias sobre como deve ser e se mostrar socialmente, criando quase um roteiro de como ser amiga, pai, mãe, irmãos, filhas, companheiros, empregadas etc. Situação essa, que, possivelmente torne a pessoa apegada a frustrações de não dar conta de ser aquilo que é imposto pelos papéis sociais.

O suicídio como um acontecimento impactante, que de forma violenta e inesperada atravessam a experiência das pessoas próximas ao suicida provoca nos indivíduos diversos e confusos sentimentos. Que conforme Karina Fukumitsu (2013 e 2019); Kassiane Preis et al (2018); Giovana Kreuz e Raquel Antoniassi (2020); Adriana Serra e Joanneliese Freitas (2020) assim como não há uma causa única para a ocorrência do ato suicida, os impactos nas sobreviventes são os mais ambíguos e intensos, como: sentimento de culpa, alívio, tristeza, choque, estigmatização, angústia, vergonha, abandono, desamparo, raiva, medo, dentre

¹⁷ A Gestalt-terapia não é somente uma “abordagem”, é bem mais que isso, é uma reflexão ética sobre o lugar da experiência e uma proposta prática que possibilita ampliar esses espaços; é uma crítica radical à sociedade contemporânea, sua lógica mercadológica e ao individualismo exacerbado; é uma crítica ao modo como, no mudo contemporâneo, as relações são cada vez mais instáveis e a um contexto político que torna as pessoas apáticas, sem vitalidade e sem implicação criadora (BELMINO, 2015, p. 22-23).

outros; possivelmente o aumento do risco frente a experiência suicida e a constante e inquietante pergunta “Por quê?” são sentimentos que variam em sua forma e intensidade dependendo da proximidade e da relação estabelecida com a pessoa perdida.

5.4 EXPERIÊNCIAS INACABADAS E A BUSCA POR RESPOSTAS

Com o aumento de casos de suicídio, conseqüentemente aumenta também o número de sobreviventes que necessitam ter seu cuidado expandido, considerando que a morte autoprovocada causa sofrimento nas pessoas que ficaram e vivenciam suas repercussões. O foco da temática do suicídio com familiares que passaram pela vivência, visa entender a intensidade e amplitude desse ato na vida dessas pessoas, sendo o grupo que mais sofre os efeitos de diversas naturezas, os quais podem se prolongar por uma vida toda (KASSIANE PREIS ET AL, 2018). Uma vez que, a procura por explicações para o fato ocorrido se torna constante na experiência das sobreviventes; a procura por algo que nem elas mesmas sabem o que de fato seja.

Holanda (2019) fala que perda por morte autoprovocada gera nas pessoas próximas uma série de ambigüidades, podendo estar associada a culpa, a impotência, a sentimentos de responsabilidades e até mesmo ao silêncio e ao enfrentamento. Mas sobre o “porque”, possivelmente esteja ligado ao fato de que prováveis explicações, sejam elas atuais ou circunstanciais, objetivas ou mesmo individuais, ajudam a aliviar sentimentos decorrentes da perda. Ainda assim, as pessoas envolvidas, sejam familiares ou profissionais, reconhecem que o fenômeno da morte voluntária é complexo demais para se limitarem a olhares individuais e tê-los como suficientes.

Kassiane Preis et al (2018) buscando compreender a vivência da família ao perder um familiar por suicídio, realizaram um estudo com 20 participantes, dentre eles, profissionais de saúde e familiares de pessoas que cometeram suicídio. Nos resultados as autoras obtiveram alguns pontos bem marcantes na vida das sobreviventes que foram: O recebimento da notícia do óbito do familiar é um momento difícil e doloroso, porém quando este é ocasionado por um ato suicida, torna-se ainda mais impactante. Os familiares no primeiro momento entram em “estado de choque”, desesperando-se com a notícia e na busca por respostas, acreditam inicialmente que a morte pode ter ocorrido por meio de assassinato e não suicídio.

Outro momento bem marcante, é que, após o estado inicial de choque, os familiares passam a conviver com o sofrimento e as repercussões do suicídio na vida da família. Pois o

ato deixa marcas difíceis de serem apagadas. A pessoa que encontra o corpo apresenta dificuldades em superar e esquecer a cena, pois a imagem da pessoa morta perpassa a experiência dessa sobrevivente constantemente, causando angústia e sofrimento (ibidem).

Além da dor excruciante enfrentada pelas sobreviventes, outro impacto que atravessa a vivência dos familiares conforme pontuado por Kassiane Preis et al (2018), é o fato de terem que lidar com as cobranças e julgamentos da sociedade. Assim como os familiares procuram respostas para o ato ocorrido, a sociedade de alguma maneira busca por explicações e faz julgamentos precipitados. Desse modo, ao mesmo tempo em que os familiares são julgados pela sociedade, sentem-se culpados por não terem conseguido evitar a morte.

Para Holanda (2019) se o suicídio remete a um mistério, direcionando a uma ambiguidade de sentimentos, não escapa das múltiplas ambiguidades de olhares que movimenta a um inquietante questionamento. De quem é o sofrer da experiência? Da pessoa que se matou ou dos sobreviventes? Quando o ato é acolhido ou quando não é? São perspectivas necessárias que podem ajudar a compreender a vivência.

O autor cita o exemplo do soldado que se apropria de armas, e em um confronto de guerras segue na frente, em meio à impossibilidade da sobrevivência, se sacrifica por seu ideal; porém, uma pessoa que escolhe abreviar sua existência, é vista como estar desistindo de algum ideal. Mediante os atos expostos, é vista a similaridade no fato de descrevê-los como atos de “liberdade”. Mas essa liberdade é acolhida de diferentes formas, condicionada a contextos diferentes. Mostrando o quanto ainda se deve a um olhar determinado, com forte influência e de lugares institucionais¹⁸ de poder sobre a experiência e os diferentes modos de pensar e agir das pessoas.

Mediante a existência, o ser humano está em constantes trocas com o ambiente e que não há uma forma específica de experiência a qual um seja determinante sobre o outro, mas que por meio da relação à forma de se experienciar vai sendo conquistada. É o que nos confere Ana Feijoo (2019) quando diz que a existência é o espaço contínuo de constituição de sentidos, onde o ser humano por meio da ação, se constrói sempre na cooriginalidade com o mundo e ambos se transformam por meio da novidade que acontece.

O campo relacional pessoa/ambiente¹⁹ é o centro entrelaçado que se permite entender que a experiência é o que há de primeiro e que tudo necessita ser pensado a partir disso.

¹⁸ Holanda (2019), p. 363 cita forte influência do pensamento cristão, mas que esta prerrogativa moral não seja apenas cristã.

¹⁹ A experiência acontece na fronteira entre o organismo e seu ambiente. Dessa forma, falamos do organismo que se coloca em contato com o ambiente, mas o contato é que é a realidade mais simples e primeira (PHG, 1997, p. 41).

Belmino (2020) pontua que, não é a pessoa que se coloca em relação²⁰ a um objeto, é por meio do contato e o campo que brota a noção de que existe um eu que se coloca frente a um objeto.

O mesmo ocorre em um ato suicida, onde a ação da pessoa que se mata atravessa o ato em si e vai bem mais além do que pode ser visto, pois outras vivências se juntam e se misturam em uma experiência atual, produzindo uma nova experiência a partir de outras referências vividas e essa integração ganha uma nova configuração. “Tudo isso é constituído enquanto uma só experiência” (BELMINO, 2020, p. 99). Nesse sentido, frente à experiência da morte de alguém por suicídio, experiências se tocam, e dessa forma, não se sabe quem toca e quem é tocado.

Para os Muller Granzotto e Rosane Muller Granzotto (2012) os ajustamentos criadores que são produzidos nessas situações são chamados de ajustamentos de inclusão, que são denominados como sofrimento ético, político e antropológico da experiência. Considerando, que nessa situação, onde os afetados se encontram em intenso sofrimento e vulneráveis, necessitam de um lugar compreensivo, de corpos emprestados como agentes políticos de enfrentamento, dado que, o pedido da pessoa é de ser incluída a partir de um pedido de ajuda genuíno. Nesse sentido, o sofrimento é a expressão sem objeto, sem meta e que o sofredor muitas vezes não sabe do que necessita, muito menos como agir ante o outro, uma vez que se encontra despido de referências (ibidem).

No luto, o que a pessoa perde não é somente a presença física de quem morreu, mas todas as possibilidades de porvir que deixam de existir ao não ter mais aquela pessoa (BELMINO, 2020). Essa experiência precisa ser compreendida de forma distinta, uma vez, que nesse tipo de violência, diferente da necessidade de desconstrução de uma identidade, diz respeito ao estatuto de humanidade da pessoa sendo retirada de forma violenta. Nesse sentido, falar sobre sofrimentos referentes aos impactos do suicídio na vida das pessoas é ressaltar as diferentes e confusas marcas nos corpos que transitam pela experiência por meio dos vividos e direciona a um campo de novidade.

²⁰ Tal como aponta Belmino (2020) p. 102 “o princípio para o pensamento gestáltico é sempre as relações”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como proposta inicial apresentar possíveis repercussões psicológicas na vulnerabilidade antropológica pela experiência de perda por suicídio à luz da teoria do self gestáltica e identificar que emoções e sentimentos são manifestados na experiência por pessoas que passaram pela perda de alguém que tirou sua própria vida.

Nota-se a partir da Gestalt-terapia que ocorre de forma abrupta o rompimento da relação com o outro, e que formas são criadas mediante a experiência, uma vez que representações foram arrancadas pela morte da pessoa querida. O sofrimento de desespero, tido como saldo da perda, estar relacionado ao apego das identidades criadas e aos papéis sociais construídos mediante a relação. Outra forma são as aberturas, que são os pedidos genuínos de ajuda mediante a situação aflitiva, onde o outro é convidado a estar junto com a pessoa e em seu favor, a fim de juntos ser possível reconstruir sua humanidade.

Foi constatado que, os planos de ações e campanhas regulares são voltados para a evitação da morte autoprovocada, pois se fala de uma ética atual, onde defende que a vida vale a pena a qualquer preço, independente das condições que se vive. Porém, mesmo mostrando eficácia nos resultados como sendo “positivos”, ainda assim a experiência suicida continua em ascensão e conseqüentemente o número de sobreviventes. O que nos leva a refletir sobre possivelmente este ato de controle, possa estar sendo uma ameaça sobre a ação da pessoa frente a uma experiência não aceitável socialmente, gerando desconforto e essa agressão pode ser atribuída ao desejo da pessoa de expressar seus afetos.

Sobre os afetos e sentimentos, são os mais diversos e ambivalentes, se percebe que a experiência deixa marcas no corpo por toda a existência e que transitam de diferentes formas a depender do vínculo estabelecido com a pessoa. Pode-se citar, raiva, desamparo, vergonha, angústia, dentre outros, porém, os sentimentos de desespero e culpa são vistos como os afetos mais dilacerantes vivenciados pelos familiares, orientando as sobreviventes a uma infundável procura por respostas para o ato e que a sociedade de alguma maneira também busca por explicações e faz julgamentos precipitados, dificultando ainda mais a experiência.

É possível observar que, mediante a experiência suicida, não se fala de um fenômeno isolado, mas relacional. Pois ação da pessoa que se mata atravessa o ato em si e vai bem mais além do que pode ser visto, pois outras vivências se misturam em uma experiência atual. Nesse sentido, frente à experiência da morte de alguém por suicídio, experiências se tocam, e dessa forma, não se sabe quem toca e quem é tocado, pois se constitui em uma só experiência a qual todas nós participamos.

As discussões chama atenção para o quesito: se o fenômeno do suicídio é complexo e unívoco, se os afetos e sentimentos vivenciados pelas pessoas também se mostram de forma confusa e desorganizada, o que leva a experiência suicida ser tratada de forma pontual, simplista, com intervenções normativas, como se fosse algo passível de ser combatido? Porque se continua criando ações voltadas para pessoas específicas e não lançando o olhar para uma experiência de campo, considerando seres relacionais que somos? Situações essas que podem ser cruel demais para pessoas que estão atravessando vivências de perdas de alguém que abreviou seus dias.

Salienta-se o escasso número de pesquisa referente aos sentimentos e afetos da experiência de pessoas atravessadas pela morte voluntária. Dessa forma, destaca-se a necessidade de estudos com diferentes abordagens, para compreender uma temática tão complexa que é a experiência suicida. Uma vez que, os estudos atuais são voltados ao ato em si mesmo, voltando-se para pontualidade e objetividade.

Sobre a pesquisa, de forma alguma se pensa trazer verdades sobre a experiência suicida, mas que sirva de farol e apoio para produção de novos discursos sobre a temática. Nota-se sua relevância, uma vez que seu foco é a experiência das pessoas afetadas pelo fenômeno do suicídio, a qual todas participam. É para a vivência e suas diferentes formas de sentimentos e afetos que o trabalho direciona o olhar. Compreendendo que, a visão ampliada das experiências poderá trazer importantes questionamentos no que diz respeito à construção de espaços mais humanizados e solidários, lugares de falas e de respeito onde o que de mais estranho e desorganizado possa ter lugar.

REFERÊNCIAS

- ANGERAMI, V. A. **Desespero e flagelo humano: Parêmiás da Cracolândia**. 1. Ed. Belo Horizonte: Artesã, 2017.
- BENITES, T. **O mistério do Nhemirô**. (Documentário, Episódio1). Dourados, MZN Filmes e Cunha Porã Filmes, 2019.
- BELMINO, M. C. B. Paul Goodman e o projeto do livro Gestalt Therapy. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.11, n.20, p 120-142. Jan/jun. 2014.
- BELMINO, M. C. B. **Gestalt Terapia e atenção psicossocial** . Org – Marcus Cezar Belmino Fortaleza: Premius. 312p. 2015.
- BELMINO, M. C. B. **Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica** 1. ed. Jundiaí (SP): Paco. 356p. 2020.
- BOCCARDI, D. O. **Viver não é preciso: discursos sobre o suicídio no século XXI**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. 120f. Florianópolis. 2018.
- BOCCARDI, D. O. Contra a disciplinarização do suicídio. Boletim: **Comissão de Direitos Humanos** do Conselho Federal de Psicologia. 4ª edição. Brasília. set/out de 2020.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. v.5, n. 11, p. 121-136. ISSN 1980-5756. Belo Horizonte. mai -ago. 2011.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico. Suicídio: saber, agir e prevenir**. Secretaria de Vigilância em Saúde. v. 48. n. 30, Set. 2017. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 de outubro de 2020.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevenção ao Suicídio: Suicídio na Atualidade**. Fundação Demócrito Rocha. Fortaleza. p. 15. color. Fascículo 1. 2020. Disponível em: https://cursos.fdr.org.br/pluginfile.php/578641/mod_resource/content/2/F1-Prevencao-do-suicidio.pdf. Acesso em: 01 de novembro de 2020.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, G.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2016.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: Estudo de sociologia**. Tradução: Mônica Stahel – Martins Fontes. (Coleção tópicos). São Paulo. 2020.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: Estudo de sociologia**. 1ª. São Paulo: Edipro, 2013.
- DUTRA et al, K. Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**. Ed. Temática Saúde Mental. 71(suppl 5) 2274-81. Florianópolis. 2018.

FEIJOO, A. M. L. C. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. vol 71. n. 01. p. 158-173 Rio de Janeiro. 2019.

FRANCESETTI, G., “Você chora eu sinto dor”. O self emergente, cocriado, como o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na Gestalt-terapia, In: ROBINE, JEAN-MARIE (org.), **Self: Uma polifania de Gestalt-Terapeutas contemporâneos**. (coordenação e revisão técnica da tradução para a versão brasileira Mônica Botelho Alvim). São Paulo: Escuta, 2018.

FUKUMITSU, K. O. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 237f. São Paulo. 2013.

FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Revista Psico**, Porto Alegre, vol 47, n. 1, 2016.

FUKUMITSU, K. O. **SOBREVIVENTES ENLUTADOS POR SUICÍDIO: cuidados e intervenções**. 1. ed. São Paulo: Summus. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLANDA, A. F. Quando existir pesa mais que deixar de existir. In: ANGERAMI, V. A. (org.). **Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2019.

KREUZ, G; ANTONIASSI, R. P. N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em Estudo**. Universidade Estadual de Maringá – UEM. v25i0.42427. Maringá – PR. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil – 2017-2020**. 2017. Disponível em: https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cartilha_agenda-estrategica-publicada.pdf. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

MORAES, G. C.; D’ACRI, R. M. Contato: funções, fases e ciclo de contato, In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (org.). **Gestalt-terapia: Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

MORAIS, T. C. A.; MONTEIRO, P. S. **Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética**. **Revista Bioética**. [online]. vol.25, n.2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422017252191>. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Fenomenologia e Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. A clínica gestáltica da aflição e os ajustamentos ético-políticos. **Revista de Terapia Gestalt de La Asociación Española de Terapia Gestalt**, Vitoria, n. 30, 2010.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **CLÍNICAS GESTÁLTICAS: Sentido ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Psicose e Sofrimento**. São Paulo: Summus, 2014.

NOBREGA, V. M. S. et al. Atividade física na gestação: uma revisão integrativa da literatura. **Revista digital: EFDeportes.com**. n. 199. Buenos Aires. dez. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd199/atividade-fisica-na-gestacao-uma-revisao.htm>. Acesso em: 27 de maio de 2021.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

RUCKERT, M. L. T.; FRIZZO, R. P.; RIGOLI, M. M. Suicídio: a importância de novos estudos de Posvenção no Brasil. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. vol.15 n. 2. pp 85-91. Porto alegre. 2019.

SANTOS, L. C. S. **Condutas autolesivas e bullying em adolescentes de Sergipe**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS. Pesquisa qualitativa: rigor em questão. 2010. São Paulo. IN: **Anais [...] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, realizado na UNESP- Rio Claro.

SERRA, A. P. E.; FREITAS, J. L. Luto materno no suicídio: a importância e o desamparo frente às (im)possibilidades. **Revista NUFEN: Phenom. Interd.** vol 12. n. 03. Artigo 73. Belém. set-dez. 2020.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. Morumbi, v. 8, n. 1, p. 102-106. jan-mar. 2010.

Tabu. In: **DICIONÁRIO ONLINE DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 30 de Outubro 2020.

URBANA, L. **Clarisse**. Uma outra estação — Bille Dourado. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RyfQ9Dqed4>. Acesso em: 01 de abril 2021